

TRADIÇÃO MARÍTIMA E ORALIDADE: PESCA DE MARCAÇÃO E MESTRANÇA EM GALINHOS, RIO GRANDE DO NORTE – BRASIL

*Antonio Carlos Diegues**

Mestres de pesca artesanal no Nordeste acumularam um conjunto de conhecimentos e práticas que lhes permitem orientar-se no mar, em busca de rochas submersas onde se localizam diversas espécies de peixes de fundo. Algumas dessas pedras foram descobertas pelos próprios mestres, enquanto outras lhes foram indicadas por pescadores mais velhos, em geral, parentes ou amigos. O conhecimento destes locais privilegiados de pesca é guardado em segredo e constitui um acervo de grande importância, que, em geral, somente é transmitido aos filhos ou pessoas de confiança dos mestres de pesca. A localização de alguns desses bancos é de conhecimento de mais de um mestre, tendo sido transmitida oralmente pelos “mais antigos”. Em muitos casos, porém, a transmissão chamada de “oral” deve ser melhor qualificada. O mestre, quando se dispõe a indicar a localização das rochas submersas, espera que seu companheiro de pesca escolhido, em geral filho ou sobrinho, demonstre interesse por partilhar com ele esse conhecimento e segredo e observe os locais e momentos precisos de manobra da embarcação no mar que, com a experiência, lhes garanta chegar ao pesqueiro. As explicações orais servem, no mais das vezes, como indicações suplementares para se chegar ao final da viagem marítima.

O estudo sobre esse conhecimento marítimo foi realizado em Galinhos, pequena município litorâneo de pouco mais de mil habitantes situado na zona salineira do Rio

* Professor da Universidade de São Paulo no curso de Pós-Graduação em Ciência Ambiental e no Departamento de Economia e Sociologia Rural da ESALQ-USP. É também coordenador científico do Nupaub-USP (Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras).

Grande do Norte. A sede do município tem cerca de 600 habitantes, situada na ponta de uma península arenosa, formada por dunas e restingas e sem comunicação com o exterior por estradas. Em Galinhos somente se chega por barco, atravessando uma zona estuarino-lagunar, ao final de uma estrada de terra que sai da Br-406, que liga Natal a Macau. Também pode-se chegar a Galinhos por barco, a partir da cidade vizinha de Guimarães, situada no mesmo estuário. Em ambos os casos, no momento em que fizemos a pesquisa (1989-1992), não existia transporte marítimo regular, dependendo o viajante de barcos ocasionais.

Galinhos perdeu população entre 1980 e 1993 e isso se deve, provavelmente, à mecanização das salinas, que expulsou uma abundante mão-de-obra temporária e à exploração de petróleo no município vizinho de Guimarães, iniciada na década de 70, que atraiu trabalhadores de municípios vizinhos.

O município vive principalmente da pequena pesca e de serviços ocasionais de construção de casas de veranistas, que se intensificou na década passada. O número de turistas é ainda pequeno, mas sua presença já é notada nas poucas pousadas de Galinhos, principalmente nas férias de fim de ano e feriados longos.

Existem aproximadamente 150 pescadores artesanais, que pescam seja no mar aberto seja no estuário, localmente chamado de rio. Enquanto os primeiros utilizam botes à vela, os segundos trabalham com canoas e ioles, em geral a remo.

O presente trabalho é fruto de dez entrevistas com pescadores de bote que pescam em mar aberto, realizadas em quatro viagens a Galinhos, entre 1989 e 1992. Analisam-se a pesca de marcação ou caminho e assento, a mestrança e a visão que os pescadores têm dos perigos da navegação.

As marcas no mar: a pesca de marcação

Apesar do mar ser um *bem comum*, no litoral nordeste brasileiro existem muitas *marcas de posse* dos pescadores, que nele encontraram pedras submersas, formando pesqueiros ricos em peixes e crustáceos. Encontrar essas pedras e atribuir-lhes um nome constitui um dos marcos altos da mestrança e do prestígio do pescador entre seus pares. Num certo sentido, os pescadores transportam para o mar a territorialidade continental. E por isso, para eles, o mar não é um vazio, uma seqüência monótona de ondas, mas um espaço de práticas sociais e simbólicas onde se constrói a maritimidade e a mes-

trança. É pelo conhecimento e pelo segredo que cercam essas pedras (cabeços, corubas, paredes) que se estabelecem, entre os pescadores, relações simbólicas marcadas pelo prestígio de quem as descobre e controla. É esse conhecimento e controle dos cabeços que garantem, em grande parte, ao mestre suas qualidades principais: a competência, a liderança, a capacidade de manter a solidariedade da tripulação e de matar peixe e garantir a sobrevivência do *bote* como *unidade social de produção e reprodução social*.

Como afirma Maldonado em seu trabalho *Mestres e mares*¹:

A marcação é sem dúvida uma prática social ligada à territorialidade, conceito que informa fundamentalmente o conhecimento marítimo e as outras práticas que a ela se associam na construção do horizonte de relacionamento das sociedades pesqueiras com o real. (p. 98)

A marcação sintetiza um conjunto de conhecimentos de navegação, de localização no mar de um ponto, sem ajuda de bússola e outros instrumentos náuticos e de saberes sobre os diversos tipos de fundos marinhos (lodo, areia, cascalho) e as espécies que aí vivem. Existe, pois, uma diversidade de *pedras* e de *peixes* que lá vivem e, portanto, o bom mestre deve conhecer mais de um desses pontos para mostrar competência. Nesse sentido, o mestre competente produz um *mapa mental* com os diversos pontos de pesca e tanto mais competente um mestre quanto mais diversificado, detalhado e preciso for seu mapa.

A marcação está intimamente associada ao *caminho de terra* formado pelo *caminho* e *assento*: chega-se ao cabeço pelos sinais da terra, montes, serras, torres de igreja que vão *subindo, descendo e andando* durante a navegação para o cabeço

Corre pelos caminhos de terra. Passando de 20 braças de profundidade, não se vê mais a terra. Quando a terra some, tem que se sustentar o caminho. Quando aparecem aquelas águas, orça e vai sassangá até encontrar a ponta d'água. (Seu Flô)

1 Simone Maldonado. *Mestres e mares: espaço e indivisão na pesca marítima*, São Paulo, AnnaBlume, 1993.

A nosso ver, Câmara Cascudo, em seu livro *Jangada: uma pesquisa etnográfica*, foi o primeiro a fazer, em 1954, uma descrição detalhada da pesca de *caminho e assento* e não os antropólogos norte-americanos Kottak² e Forman³ como freqüentemente aparece na antropologia (Diegues⁴; Maldonado⁵).

É uma navegação observada pela marcação de pontos da costa. Podia-se mesmo dizer que é estimada porque a posição é determinada em função do rumo e do caminho andado... O essencial é a memória para guardar com exatidão as posições nítidas do caminho e do assento... O caminho corresponderá à latitude, norte e sul e o assento será a longitude, leste e oeste. Deixando a praia a jangada vê pela pôpa morros, dunas, árvores. Duna, morro, árvore escondida aproximando-se e tomando determinada posição junto de outra duna, morro ou árvore, é o caminho. O assento é idêntica situação destes mesmos elementos a leste ou oeste, o lado de terra visível pela bordo lateral da embarcação.

Câmara Cascudo⁶ descreve também como o pesqueiro é encontrado:

Velejando para o pesqueiro o mestre vai perguntando ao proeiro: O caminho vai “enchen-do”? Encher é um morro aproximar-se ou montar a gameleira, o cajueiro, as malhas juntarem-se no cabeço de uma duna escolhida como referência, fazendo a posição convencional que fixa a direção para o norte. Como vai o assento? O assento dará sua figura esperada. Quando Caminho e Assento estiverem no ponto aguardado, firmes nas situações previstas, o pesqueiro estará ao alcance das linhas de pesca. Estará justamente no vértice do ângulo em que o Caminho e Assento são os lados... (pp. 23-24)

Em Galinhos, até hoje essa triangulação é utilizada para reencontrar um pesqueiro anteriormente descoberto:

Aprendi a marcação com meu pai. a vista dele estava ruim e então ele me perguntava onde estava a serra, o morro está assim assim. Quando a serra encosta no morro de Exu-Queimado. Quando cruzasse, ele dizia: o caminho é esse. Segure o caminho. Cabeço de André (cabeço seco, em cima dela), ela não aparece, mas é alta é é seca. Risca Magra.

2 Conrad Kottak, *The structure of equality in a Brazilian Fishing Community*, Phd dissertation, Columbia University.

3 Shepard Forman. *The raft fishermen: tradition and change in the Brazilian Peasant Economy*, Bloomington, Indiana Univ. Press, 1970.

4 Antonio Diegues, *Ilhas e mares, simbolismo e imaginário*, São Paulo, Hucitec, 1998.

5 Simone Maldonado, op. cit.

6 L. Câmara Cascudo, *A jangada*, Rio de Janeiro, Ministério de Educação e Cultura, 1954.

a Urca da Conceição, de Cotia, do Tubarão, Cabeço de Cassiano. A gente sassanga, com chumbo, e marca a linha por braça. Sassanga por baixo, por fora e por barra-vento. Só tem peixe na pedra, na lama não dá. (Seu Valdino)

Hoje, em Galinhos, são poucos os pescadores jovens que conhecem o caminho e assento e sua transmissão faz-se pela observação do que fazem os mais velhos. Estes ensinam aos pescadores, de quem gostam, e aos filhos, quando estes se interessam

Às vezes a gente ensina pra um pescador que a gente gosta (Seu Valdino). Meu pai já era quase cego, mas mostrava a serra e ensinava o caminho. Quando a gente sabia de um, pelas indicações dos outros (é mais ao sul, etc.) encontrava outros. (Zé Branco)

Alguns pesqueiros, provavelmente os mais produtivos, são guardados *em segredo*:

Às vezes, a gente esconde os caminhos, porque se todo mundo soubesse, todo mundo ia lá. Prá esconder o cabeço, quando um bote chega por perto e nossa rede está arriada, a gente não suspende, para o outro não ver. (Zé Branco)

O segredo parece estar ligado, de um lado, à mestrança, às habilidades do mestre que lhe permite levar, com segurança de sucesso, o bote ao pesqueiro e, de outro lado, ao temor de que, visitado por outros pescadores, o pesqueiro viesse a empobrecer.

Muitos destes Caminhos e Assentos eram segredos invioláveis, vindos de geração em geração no seio da família pescadora. Fôra descoberta do avô ou do pai numa feliz manhã e arranjara laboriosamente as referências para a fixação do pesqueiro... As Pedras Marcadas tiveram esta origem. São cachopos submersos, meras e fugitivas sombras na imensidão do mar. Um roteiro para aquele mistério seria semelhante a uma marcação num deserto, sem elevação e palmeiras... Pedras Marcadas ciumentamente ocultas e jamais confidenciais nem mesmo nos momentos eufóricos da cachaça com caju com os camaradas na praia...⁷

Os mestres antigos têm muito prazer em indicar o nome dos pesqueiros que conhecem:

Conheço bem muitos pesqueiros: Cabeço do Oliveira, Baixa, Urcas, do Meio, Sirigado, o Quirino, dos Moleques, Urca Nova, do Pimpão, da Barriga da Pedra, Alvadão, Preto, Caetano. Alvadão é o chão branco. Me guiava pelo alvadão. Não dava pra ver a terra.

7 1.. Câmara Cascudo, op. cit., p. 24.

Me guiava pelos caminhos de terra, fazia minha base, pelas serras, botava os caminhos e vinha bater em riba. Nunca pedi a ninguém, eu via como os outros fazia. O Zé Branco foi o primeiro sem segundo por aqui. (Seu Bochechinha)

Os pesqueiros podem adquirir vários nomes locais, segundo a profundidade e o tipo de peixes que aí habitam. Hélio Galvão⁸, ao estudar a pesca em Tibau do Sul, no litoral do Rio Grande do Norte, classifica os pesqueiros em:

- Cabeços: da praia até 13 braças de fundo. São os mais comuns e freqüentes;
- Tassis: 14 a 25 braças de fundo. Pescam o ariocó, biquara, cangulo, sapurana;
- Corubas: entre 216 e 17 braças de fundo. Pescam-se o coró amarelo, xira, piraúna;
- Rasos: entre 18 e 20 braças de fundo. Pescam-se a guaiúba, cerigado, garoupa, arabaina, cioba;
- Altos e paredes: onde começam as paredes da plataforma até 30 braças. Pescam guaiúba, serigado, cioba, dentão, arabaina. É o último pesqueiro em distância e profundidade. É pescada de alto, no fundo de fora, e em certas épocas do verão, de dormida ou sereno, voltando no dia seguinte. Não há fundo para a fateixa, nem as chumbadas encontram apoio. Segundo Câmara Cascudo “Quem pesca nas paredes faz careta ao Diabo”

Conheço algumas pedras. Tem a parede do navio, a pedra do Bolacha, o cabeça da Urca Nova, a do Cabeço do meio, a das Oliveiras. Prá chegar nela são umas três horas de navegação, seguindo o morro Cabugi, uma serra que nem um cuscuz caído. Eu vou andando prá barra-vento, o Cabugi vai subindo por terra. Quando ele chega na Barra dos Galos, aqueles morros dos Galos, aí é só aprumar para fora e vou estourar em cima dele. A água aí é limpa, vê o fundo com o peixe andando nas pedras, umas dez braças de fundura. Aprendi essa navegação vendo como os mais velhos faziam, via o movimento e aprendia. (Seu Manezinho)

Quase todos os mestres antigos tinham dado seus nomes às pedras: o cabeça do Zé Marinheiro, tio do mestre Zé Branco, o cabeça do Zé Alexandre, do Zé Firmino. A descoberta de uma pedra com muito peixe é um dos acontecimentos que revela o prestígio do mestre, principalmente quando ele a nomeia com seu próprio nome. O mestre Zé Branco demonstra uma ponta de desapontamento ao afirmar que apesar de sua fama e dos 60 anos de pesca nunca tinha conseguido dar seu nome a um cabeça:

8 Hélio Galvão, *Novas cartas da praia*, Natal, Edições do Val, 1968.

Até brinquei, pois conheço o cabeça do Zé Marinheiro, do Zé Alexandre, do Oliveira, do Zé Firmino, do Antonio Leandro, Antonio Machado. Eu estou com 60 anos de pescaria, ainda não arranjei uma pedra, um cabeça.

Esse conhecimento está se perdendo por várias razões em Galinhos. Uma delas é que os velhos pescadores vão perdendo a visão, pela exposição continuada à reverberação do sol e ao sal, como diz mestre Zé Branco:

Hoje tenho problemas de vista, estive quase cego. Meu pai já era quase cego, mas mostrava a serra e ensinava o caminho. Quando a gente sabia de um, pelas indicações dos outros (é mais ao sul, etc.) encontrava outros. Agora não faço mais pesca de marcação. A vista não alcança mais. (Seu Bochechinha)

A redução ou o fim da visão significa o fim da carreira do mestre, que é obrigado a ficar em terra. Sem uma boa visão não há pesca de caminho e assento, não há marcação.

Os pescadores jovens também estão se desinteressando desse aprendizado, pois grande parte deles acaba ingressando na pesca do estuário, em que não há cabeços e pedras.

Uma outra razão é que com a instalação dos poços de petróleo no mar, a partir da década de 70, a geografia toda daquele mar mudou. Para alguns pescadores, a luz das plataformas afugenta os peixes. Para outros, as bases das plataformas se transformaram em ricos pesqueiros, ajuntado muitas espécies de peixe. Só que para se chegar nesses novos pesqueiros não há necessidade de conhecer caminho e assento.

Agora, chegou a plataforma de petróleo. Por lá está cheio de pedra e ficou fácil para chegar lá. (Manezinho)

Mestrança-conhecimento

A mestrança é um conjunto de qualidades, conhecimentos e práticas que marcam a figura do pescador que tem autoridade no bote, que decide onde e quando pescar e que mantém a solidariedade na tripulação. Alguns mestres são donos de bote, mas, no geral, a mestrança antecede a posse da embarcação, pois muitos deles trabalham em bote de outros.

O mestre é quem manda, quem tem mais experiência. (Seu Flô)

Na figura do mestre, agregam-se dois conjuntos de características: o primeiro conjunto se caracteriza pelo conhecimento de técnicas de pesca e navegação, o saber cuidar do bote, saber navegar pelas estrelas e saber encontrar as pedras pela marcação:

O mestre tem que saber cuidar do bote, das velas, da linha, da rede, pra pescar todo o tempo. O senhor entregou um bote pra mim e eu tenho aquela competência, apronto o bote e a vela pra ir pescar. Isso é competente. (Seu Manezinho)

Além da experiência, é necessário um certo carisma, intuir onde ir pescar naquele dia, que pedras visitar e, finalmente, encontrar as *suas* pedras.

Ou, como afirma Maldonado (1993), a mestrança se constrói na prática, pela competência na utilização dos equipamentos de pesca e pelos conhecimentos de navegação, e no simbólico, pelo exercício do poder tradicional na condução da tripulação e pela interpretação dos fenômenos naturais (vento, estrelas, cor do mar, etc.). Maldonado vê no mestre um dos tipos ideais:

O mestre é como um arquétipo que se visse à proa dos barcos, de olhar penetrante, atento, tendo nas mãos por atribuição da sua sociedade e do seu bote, feixes de relações, de práticas e de sentimentos.... Como prática, a mestrança é o fundamento da organização do trabalho a bordo, incorporando à pessoa do mestre enquanto responsável pela pesca, a família, as tripulações, a confiança, a competição, a distribuição do conhecimento e da informação que a ele cabe administrar. Do ponto de vista simbólico, a construção da pessoa do mestre e a sua legitimidade remetem à hierarquia, ao igualitarismo e ao segredo.⁹

O importante para o mestre de Galinhos é trazer *produção* e fazer viver a tripulação. Como grande parte da pesca é feita nas *pedras*, é importante que ele conheça os cabeços e paredes, levando o bote para os lugares onde exista muito peixe.

Para alguns deles, a *sorte* também é importante, mas ela não garante o êxito do mestre, para o qual a experiência é mais importante. A sorte é importante na pesca de rede, mas aleatória, quando é necessário se encontrar os cardumes no mar e não nas pedras. No entanto, mesmo um pescador jovem, tendo sorte, pode encontrar uma pedra ou um pesqueiro produtivo, como ocorreu com aquele que descobriu e deu o nome a uma pedra:

9 Simone Maldonado, op. cit., pp. 134 e 135.

Tem uma pedra que se chama a Pedra do Nonato. O mestre Zé Branco batalhou mas não descobrimos pedra nenhuma... Já um rapaz novo que veio de Caiçara encontrou um peixeiro e botaram o nome dele. (Severino)

No entanto, a sorte sem o conhecimento e a experiência de nada vale para os pescadores de Galinhos

Eu acho melhor o conhecimento que a sorte. Porque o cara não tendo conhecimento, pode ter sorte um dia. Aquele que tem conhecimento sempre traz produção. Faz aquele serviço todo o dia. Não adianta o senhor botar um mestre que tem sorte, pegar duzentos quilos de peixe numa maré e passar dois meses sem acertar com aquele lugar mais. (Manezinho)

O mestre também tem que tomar as decisões acertadas na busca dos peixeiros e levar a tripulação a trabalhar muito para voltar com peixe:

É preciso tem experiência, porque com a experiência a gente tem sorte, sabe. Eu era novo e me largava no mar e só vinha quando pegava peixe. Se não pegasse de dia ficava até de noite. Só vinha de madrugada, chegava com o peixe, sem sal, sem nada... Quem tem inteligência tem sorte. (Severino)

O bom mestre é aquele que mantém unida a tripulação e que sabe manter o respeito. No entanto, o mestre, em geral, não toma as decisões sozinho. As decisões são fruto do intercâmbio com a tripulação que também dá suas opiniões durante a navegação. Nisso reside um certo igualitarismo a bordo do bote. O mestre não é nada sem uma boa tripulação, que ele deve saber manter.

Perder a mestrança significa não perder o conhecimento prático do mar e, sim, perder sua qualidade de autoridade no bote, o que pode ocorrer em decorrência de acontecimentos trágicos, como a desorganização da vida familiar, a incapacidade de trazer peixe por muito tempo, o abandono da tripulação e o alcoolismo:

O bom mestre? É quem mantém o respeito na tripulação. Não pode fazer fofoca com ele, aí ele dá um trabalho mais apurado para os três. Quando não é um mestre acanhalado, que quando está no porto vai beber cachaça. É quem primeiro chama os tripulantes pra beber cachaça Vai indo e fracassa. Eu mesmo conheço diversos deles aqui em Galinhos, aí pelos cantos, bebendo. Tinha bote e foi obrigado a vender, num vale nada. (Seu Paulo)

A transferência do conhecimento do mestre a um outro pescador se processa por vários caminhos. Um deles diz respeito à trajetória do pescador mais jovem, que pode

ser um filho, amigo ou parente, que deve mostrar interesse em avançar na profissão. Como já foi relatado anteriormente, a transmissão do conhecimento das pedras pode acontecer quando o mestre está ficando velho e não enxerga bem os morros. Então, um pescador mais jovem vai descrevendo o movimento dos morros para o velho mestre, aprendendo assim a marcação. De outro lado, o mestre escolhe a quem passar os conhecimentos, sobretudo se o candidato for de sua família ou amigo. Essa transferência não é verbal nem sistemática: aprende-se vendo e fazendo e não pela fala. Aliás, fala-se pouco no mar, ambiente marcado pelo *silêncio*, onde, em geral, somente falam os elementos da natureza: o vento, a direção das ondas, os pássaros. No mar não se fala, observa-se.

Nunca fui mestre, mas pesquei muito em lugar do mestre. Para passar de pescador a mestre, tem que prestar atenção no que o mestre faz, olhar seus caminhos. (Seu Flô)

Ou, como afirma Maldonado:

Os mestres podem começar a sê-lo por várias vias, seja descobrindo uma pedra, substituindo o pai, o tio ou o sogro que lhes confiam conhecimentos e o bote, geralmente acompanhando a sua atuação dentro da herança que lhes é confiada.¹⁰

O respeito ao mar: naufrágios e perdas

O mar de Galinhos, como o do Nordeste, é mais manso se comparado com os mares imprevisíveis do sul do país. A navegação a pano é facilitada pelos sistemas de ventos reinantes na região. De dia, o vento de terra, o sueste, sopra da terra para o mar, empurrando os botes para o largo. O regresso, no fim da tarde, é com o vento contrário, soprando do mar para a terra.

Quando se faz a pesca de sereno ou dormida, a navegação faz-se com a ajuda dos planetas (estrelas). Só navego com as estrelas. A gente faz a base pelas estrelas, porque as estrelas navegam, né? Vão fazendo aquele caminho delas. Uma vem montando outra que vem saindo.. as estrelas navegam. Marca-se uma e quando ela desaparece, segue-se outra. Uma se chama Barca, a outra Can-Can que leva para Caiçara. O pescador também inventa o nome das estrelas. Hoje a rapaziada não sabe navegar pelos planetas. (Severino)

¹⁰ Simone Maldonado, op. cit., p. 146.

O mês de setembro é um mês ruim de mar, mau tempo e vagas que, em geral, restringem muito a navegação:

Quando o nevoeiro corre... vem tormenta... Aqui, em setembro, o mar fica brabo por muito tempo, tem tormenta, mas não é repentina. (Zé Branco)

Quase todos os mestres entrevistados sofreram naufrágios, muitas vezes com a perda da embarcação. Muitos botes soçobram em tempo de tormenta, sobretudo à noite. Quando naufraguei uma vez, já era noite, fomos orçar, mas o mastro lascou e o bote virou na altura de um lugar chamado Rosário. Meu nado era pouco e me agarrei num varejão, e assim cheguei na praia, com câibras e não podia nem levantar. O bote perdeu-se no fundo. (Seu Flô)

Além do medo do afogamento, existe sobretudo o terror da ameaça dos tubarões e cações:

Sozinho no mar, a gente só se lembra de Deus e do caçõ. (Batista)

Mas também pode-se naufragar com tempo bom, como resultado de uma manobra desastrosa com a vela:

Naufragamos com tempo brando. Pescando de agulha virei muitas vezes. Respeito ao mar... O camarada sai por aí, fora de hora. Tem que ir juntinho com Deus, prá abrandar o mar, abrandar o vento. Tem morrido muita gente. O pai desse menino aqui foi prá maré e nunca mais voltou. A mãe dele não se aperreou e eu ajudei a criar o menino. (Seu Bochechinha)

A maioria desses mestres tem respeito ao mar, mas não medo:

Não tinha medo do mar, mas respeito sim. A dormida ou o sereno, passar a noite no mar é difícil. Tenho respeito pelo mar. O negócio do mar é o vento. Se não tivesse tormenta, o mar seria sempre liso. (Seu Flô)

Ou ainda, no relato do Mestre Zé Branco:

Eu trato o mar com respeito, porque com o mar ninguém brinca. O mar é minha vida, aqui me dá banho, de comer. Na tormenta, o cara só balbucia uma prece. (Zé Branco)

Em Galinhos, não ouvimos lendas descritas por Câmara Cascudo, nos anos 50, como a pesca da jangada no litoral do Rio Grande do Norte. Esse autor narra, com

detalhes, a visão da procissão dos afogados no mar, numa Sexta-feira Santa, dia em que não se pode pescar. Ou, ainda, a presença de um navio de vela, todo iluminado nas águas em que, à noite, pescava o mestre Filó, da Ponta Negra, que também não viu a sereia, mas ouviu seu canto, numa noite serena. Rezou o Credo e a sereia calou-se.

Em Galinhos, no entanto, alguns pescadores afirmam ter visto o “*fogo de Santelmo, bola de fogo que passou entre um pano e outro, ali no Pontal*” (Bochechinha).

Os pescadores do lugar falam pouco sobre o que de fantástico ocorre no mar, o que leva Câmara Cascudo a afirmar: “O melhor é dizer num sorriso: no mar só tem peixe... Mas sabem que os peixes não são os únicos moradores do mar”.¹¹

Conclusões

O mar de Galinhos é o local onde se realizam práticas sociais e simbólicas dos pescadores de bote à vela. Esses botes estão sendo gradativamente substituídos por botes motorizados, ao mesmo tempo em que os novos pescadores preferem pescar no estuário, onde a pesca é mais fácil e exige menores investimentos.

Uma das características principais dessa pesca é a existência de um sistema particular de identificação e localização de fundos de pedras, os pesqueiros, através do *caminho e assento* ou *marcação*. Os pescadores utilizam-se dos morros e outras elevações na costa para marcar os bons pesqueiros e poder voltar a eles com segurança. Essas marcações desempenham um papel fundamental na construção da *mestrança*. Os bons mestres são aqueles que descobrem essas pedras submersas, dando-lhes um nome. Enquanto algumas dessas pedras tornaram-se domínio de conhecimento de todos os pescadores, outras são guardadas por alguns mestres, em segredo, o qual pode ser passado de pai para filho. O segredo permite ao mestre usar com exclusividade essas pedras em sua pesca, demonstrando seu prestígio diante de seus pares. Algumas dessas marcas invisíveis no mar estão desaparecendo, seja pelo desaparecimento dos pescadores mais velhos seja pela instalação de plataformas de petróleo próximas a algumas dessas pedras, o que as torna mais fáceis de serem localizadas. O estudo mostra, também, como o naufrágio com perda de embarcações é um acontecimento marcante na vida de quase todos os pescadores entrevistados.

11 L. Câmara Cascudo, op. cit., p. 14.